

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

AMANDA BATISTA CUTRIM

O PROCESSO DO LUTO PARENTAL: análise do impacto da morte de um filho
criança na díade parental.

São Luís
2022

AMANDA BATISTA CUTRIM

O PROCESSO DO LUTO PARENTAL: análise do impacto da morte de um filho
criança na díade parental.

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário Unidade
de Ensino Superior Dom Bosco como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Alice Parentes da Silva
Santos.

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Cutrim, Amanda Batista

O processo do luto parental: análise do impacto da morte de um filho criança na díade parental. / Amanda Batista Cutrim. — São Luís, 2022.

46 f.

Orientadora: Profa. Alice Parentes da Silva Santos.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Morte - Perda. 2. Luto - Filhos. 3. Reações. 4. Impactos.
I. Título.

CDU 159.942.3

AMANDA BATISTA CUTRIM

O PROCESSO DO LUTO PARENTAL: análise do impacto da morte repentina de um filho na díade parental.

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Alice Parentes da Silva Santos. (Orientador)

Mestre em Saúde Coletiva - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Me. Maria Emília Miranda Alvares

Mestre em Saúde Materno Infantil - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Victor Hugo Melo Santos

Especialista em Tanatologia

Dedico ao meu avô que sempre sonhou estar em vida para me ver concluir a graduação. Dedico também a todos os pais enlutados que ainda sentem a dor dessa grande perda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que me proporcionaram todo amor e ensino, que me apoiaram e me deram forças para conquistar e realizar todos meus sonhos. Ao meu pai, obrigada por todo suporte, por todo colo e carinho, pela presença e segurança. À minha mãe, lhe dedico toda minha garra e minha força, agradeço por todo seu cuidado e atenção. Aos dois, obrigada por todo o esforço em proporcionar o possível e o impossível as três filhas. Sou eternamente grata a vocês.

À minha irmã, Nayara Batista Cutrim, que sempre esteve ao meu lado sendo meu suporte e minha melhor amiga. Você é a fonte da minha força. Não seria o que sou sem você.

À minha irmã, Mariana Batista Cutrim, que me dedicou todo seu carinho e cuidado desde pequena. Me deu dois presentes e amores da minha vida, Pedro Antônio e Lucca Davi, que me despertaram o interesse em estudos sobre o desenvolvimento infantil e maternidade.

Ao meu companheiro de vida, Alisson Vitor dos Santos Araújo, que esteve ao meu lado em toda a trajetória de construção deste trabalho. Dividindo ao mesmo tempo, as angústias, medos e alívios de concluir uma graduação. Agradeço a paciência, o amor, o carinho e o refúgio de sempre. Obrigada por sempre acreditar na minha capacidade.

Como apoio emocional, Maya Maria, a minha filha de quatro patas que surgiu em minha vida nos processos finais do trabalho, trazendo mais amor e animando meus dias mais cansativos.

Às minhas amigas de infância, Bruna Santana, Deborah Dayanne e Beatriz Oliveira, que apesar das distâncias, foram e são muito importantes no meu crescimento e formação pessoal. São fontes de apoio e amizade.

Às minhas amigas de graduação, Julia Fernanda, Rafaela Sampaio, Sami Zaira, Thaila Lacerda e Ana Clara, que sempre estiveram presentes nessa caminhada. Agradeço pelas trocas, pelo acolhimento e por toda ajuda durante esses 5 anos. A força, os estímulos e o companheirismo foram e são essenciais. Obrigada por se fazerem presentes na minha construção pessoal e profissional. Chegamos juntas ao final.

Agradeço aos professores da Instituição, que além de ótimos profissionais, proporcionaram todo acolhimento e conhecimento essencial para meu futuro

profissional. Um agradecimento especial a Professora Regienne Peixoto que, no 2º período da minha graduação, despertou a paixão e a admiração que sinto hoje pela Psicologia. Me mostrou a certeza pela área que me encanta cada dia mais. Obrigada por dividir todos seus conhecimentos, por sempre ser didática e compreensiva.

Por fim, um grande agradecimento a minha orientadora, Alice Parentes, que sempre demonstrou apoio durante a construção do trabalho. Obrigada pelo direcionamento, auxílio e conhecimentos. Exponho aqui minha admiração como profissional.

“Acredito que existem fases, ciclos, começos, recomeços. E acho que estou bem no meio de um deles.”

Clarissa Corrêa

RESUMO

Sabe-se que a vida é feita de chegadas e partidas, de ganhos e perdas. Com isso, é preciso seguir a vida com lembranças e saudades de quem já se foi. Os momentos dolorosos referentes à perda de alguém é uma situação na qual ninguém está pronto para enfrentar, principalmente diante a morte de uma pessoa em que se mantinha forte vínculo afetivo, como um filho. Este trabalho resgata, por meio de pesquisas bibliográficas, reações e comportamentos diante essa perda, buscando compreender o processo de elaboração do luto parental. Foi realizada uma análise de publicações, em que descreve teorias e aspectos dos enlutados, relacionando com obras sobre este fenômeno. Destaca-se, entre os artigos, a presença de sentimento como a culpa, raiva, angústia, medo, depressão, além de sentimentos ambíguos. O estudo demonstrou a importância em compreender esses sentimentos, considerar a singularidade do processo do luto e desmistificar a elaboração diante uma visão social. Além de considerar sentimentos e vivências diversas entre a díade parental, o rompimento das expectativas e projetos futuros esperados, a fim de analisar e compreender os impactos gerados no processo do luto e a relação da perda e manifestações psicossomáticas.

Palavras-chave: Morte. Perda. Luto. Filhos. Reações. Impactos.

ABSTRACT

It is known life is made of arrivals and departures, gains and losses. With That's it, you have to go on with life with memories and longing for those who are gone. The painful moments related to the loss of someone is a situation in which no one is ready to face, especially in the face of the death of a person with whom a strong emotional bond was maintained, like a child. This monography rescues, through bibliographic research, reactions and behaviors in the face of this loss, seeking to understand the process of elaboration of mourning parental. An analysis of publications was carried out, in which theories and aspects of authors with works on this phenomenon. It stands out, among the articles on the subject of feelings of guilt, anger, anguish, fear, depression, in addition to ambiguous feelings. The study demonstrated the importance in understand these feelings, consider the uniqueness of the process of mourning and demystify the elaboration before a social vision. In addition to considering different feelings and experiences between the parental dyad, the breakup of expectations and expected future projects, in order to analyze and understand the impacts generated in the grieving process and the relationship between loss and manifestations psychosomatics.

Keywords: Death. Loss. Mourning. Sons. Reactions. Impacts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

apud	Citação
et. al.	“E colaboradores”
p.	Página

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROCESSOS TEÓRICOS DO LUTO	15
2.1 Teoria de Kubler- Ross	15
2.2 Teoria do Apego	18
2.3 Modelo Dual do Luto	21
3 ADAPTAÇÃO À PERDA	24
3.1 Impactos da perda de um filho.....	25
3.2 “E agora? O que eu faço?”: A quebra de expectativas e projetos futuros diante a perda de um filho	29
4 FORMAS DE ENFRENTAMENTO DIANTE A PERDA DE UM FILHO	32
4.1 Fatores que facilitam e dificultam o luto	33
4.2 Importância da rede de apoio.....	35
4.2.1 Rede de apoio familiar e social	36
4.2.2 Apoio do cônjuge	37
4.2.3 Grupos de apoio	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O luto pela morte de um filho criança é um fenômeno em que ocorre um grande impacto na vida da díade parental. Essa perda e o rompimento do vínculo afetivo pode resultar em sentimentos e comportamentos diversos nos enlutados. O processo do luto é um trabalho adaptativo longo e trabalhoso, sendo necessário esforço e apoio para além do próprio enlutado. Diante disso, Parkes (1998), retrata que o processo do luto se refere a uma elaboração psicossocial, uma vez que a presença física da pessoa falecida não faz mais sentido diante da nova realidade, tendo que ser ressignificado.

Assim que morre alguém com quem se manteve vínculos afetivos, é compreensível que se tenha reações a partir dessa perda. Sentimento de medo, raiva, culpa, incompreensão, são algumas das reações que a maioria dos enlutados desenvolvem e dita “normativas”, pela sociedade, frente à morte. Visto isso, entende-se que o processo do luto de pais que lidam com essa perda seja mais complexo e doloroso pelo sofrimento do vínculo, que será elaborado pela perda do filho.

Com isso, o luto não segue um padrão, essa vivência é diferente para cada sujeito. Assim como existe sua subjetividade, esse processo de sofrimento e adaptação não segue fases e se torna não linear. Diante uma perda, o indivíduo encara uma nova realidade em que terá que desenvolver diversos recursos de enfrentamento a fim de iniciar uma elaboração desse luto.

Destaca-se que a relação pais e filhos costuma ser estabelecida por um vínculo intenso, em que há idealizações e projetos futuros, logo resultarão na quebra dessas idealizações e projetos. Com a perda desse filho criança, ocorrerão manifestações psíquicas que podem impactar em diversos fatores da vida dos pais, assim como na sua qualidade de vida. Sendo assim, de que forma a perda de um filho criança pode impactar na vida dos pais?

Segundo Franco (2010), a perda de alguém é tão dolorosa e impacta em vários âmbitos individuais, despertando sentimentos como impotências, revolta, depressão, isolamento e desinteresse pelas atividades cotidianas. Além disso, a autora relata como o impacto da morte de alguém afeta quem fica em aspectos afetivos, físicos, cognitivos, sociais e espirituais e, com isso, é necessário a adaptação da vida do enlutado por meio do processo de luto.

Acredita-se, assim, que o assunto abordado seja pouco discutido e trabalhado para com a sociedade. Desse modo, o objetivo baseia-se no estudo de aspectos psicológicos surgidos a partir da perda, compreendendo esses impactos pós morte de um filho, analisando obras e artigos referente ao processo do luto. Levando a pesquisa como forma de investigar o processo do luto, os diferentes impactos e formas de manifestações nos indivíduos, além de expor o tema á nível biopsicossocial, como temática social.

Para Papalia e Feldman (2013), a morte de um filho é considerada um choque por ocorrer de forma prematura, vindo de alguém mais novo. Além disso, dificilmente os pais estarão emocionalmente preparados para tal perda, independentemente da idade do filho. Diante as diversas formas da perda, como acidente, por exemplo, compreende-se que há variações na significação da perda para cada sujeito, além do impacto das suas manifestações. Visto isso, a perda de um filho criança se apresenta como um grande impacto na vida da díade parental, causando, aos mesmos, sofrimento e quebras de expectativas.

Esse processo de adaptação à nova vida sem o filho, requer apoio e instrumentos favoráveis à ressignificação dessa morte. Ainda que cada indivíduo estabeleça seu modo de enfrentamento e de elaboração dessa perda, algumas mães e pais compreendem o trabalho, relacionamentos, diferentes interesses ou participações em um grupo de apoio como meio de minimizar a dor (Papalia e Feldman, 2013).

Pode-se destacar vários meios alternativos de elaboração desse processo do luto, sendo algo subjetivo, em que cada sujeito encontra a sua própria forma de adaptação. Acredita-se que uma rede de apoio adequado possa ter um grande impacto na vida dos enlutados, com destaque ao apoio do cônjuge. Por tanto, a perda de um filho criança pode impactar diretamente na vida dos casados ou como forma de união entre eles ou separação. Além de repercutir também em âmbitos sociais e pessoais da vida dos pais, causando prejuízos na vida de cada indivíduo.

O presente trabalho tem como proposta o crescimento de pesquisas e estudos diante a temática, auxiliando estudantes e profissionais, conscientizando a sociedade do sofrimento de pais que perderam seus filhos e contextualizando o processo de enfrentamento. Apresentando como objetivo geral compreender aspectos psicológicos implicados no processo da perda de um filho pela díade parental e, ao decorrer do trabalho, investigar aspectos teóricos do processo do luto,

explorar o sofrimento psíquico relacionado a essa perda, além de investigar as formas de enfrentamento frente a morte de um filho. Sendo assim, utilizou-se pesquisas bibliográfica a fim de compreender tais impactos e aspectos psicológicos implicados no processo da perda de um filho criança pela díade parental.

Embora esse tema seja muito relevante para a sociedade e acadêmicos, até o momento foram encontrados poucos trabalhos na literatura sobre luto parental referente à perda de um filho criança (COELHO E LIMA, 2017; GONÇALVES, 2014; BEZERRA *et al*, 2021; REIS *et al*, 2021). Dessa maneira, contribui-se com a ampliação dos conhecimentos dos leitores sobre essa temática específica, uma vez que as revisões têm função de possibilitar uma análise sobre um determinado assunto a partir de diferentes perspectivas, auxiliando em sua compreensão.

Com isso, a base da pesquisa tem como objetivo analisar obras e artigos encontrados, por exemplo, no Scielo, Google acadêmico e outras plataformas que entregam artigos que abordam temas e teorias sobre o processo do luto parental, a fim de discutir, em próximos capítulos, aspectos atribuídos ao assunto do trabalho. Assim, nos seguintes capítulos serão apresentadas seções e subseções a fim de abordar o fenômeno do Luto Parental.

Compreende-se que primeiramente se deve analisar teorias clássicas de autores antigos e atuais que publicaram obras e artigos sobre o tema. Com isso, o seguinte tópico, o Capítulo Dois, apresenta discussões sobre Processos Teóricos do Luto, com a finalidade de compreender os aspectos teóricos e autores pesquisadores sobre o fenômeno, relacionando-se a perda de um filho criança. Já no Capítulo Três discute-se sobre o sofrimento psíquico da díade parental diante essa perda, como essa morte impacta na vida de uma família e análises de estudos referentes as reações e comportamentos frente a esse falecimento. Por fim, o Capítulo Quatro apresenta formas de enfrentamento frente a morte de um filho criança, fatores apoiantes e facilitadores para o desenvolvimento dessa elaboração, tais como a quebra de expectativa e perdas de projetos futuros.

2 PROCESSOS TEÓRICOS DO LUTO

Contextualizando o processo do luto de forma teórica desde os primeiros contatos com estudos sobre a morte, é importante destacar que os paradigmas foram alterados diante as novas vivências e contextos. Por exemplo, no século XVII e XVIII, o luto era considerado causa de morte e de uso de medicamentos, já no século XIX, um novo olhar para o fenômeno se apresenta diante de questões culturais. Assim, é possível dizer que nos séculos XIX e XX, estudos e pesquisadores abrangem esse termo, visto que aspectos sociais e culturais possuem fortes influências na vivência do luto. (ANDERY, 2021; PARKES, 1998; FRANCO, 2010).

Destaca-se nos próximos capítulos, teorias e autores como os cinco estágios de Kubler-Ross (1969), Teoria do Apego de Bowlby (1969) e o Modelo Dual do Luto de Stroebe (1999). A seleção dentre diversas obras e teóricos clássicos se deu a partir de pressupostos que mais se adequam a perdas por um ente querido, diante a morte, neste caso, de um filho.

2.1 Teoria de Kubler- Ross.

Os cinco estágios do luto de Kubler-Ross (1969) surgiram durante estudos sobre o morrer através de pesquisas com pacientes terminais. Kubler Ross era uma psiquiatra que atuava e pesquisava sobre o luto diante a morte, de onde iniciaram seus estudos sobre as fases do luto e em como um enlutado se expressava diante o fenômeno. Em 1969, Elisabeth Kubler-Ross, relata em sua obra “*Sobre a morte e o morrer*” seu modelo de estágios resultante de uma pesquisa com o objetivo de descrever como as pessoas reagem diante a doenças graves. Ainda assim, a autora relata em seu livro a descrição do luto utilizando o modelo dos cinco estágios.

Portanto, nesta obra da autora, os estágios do luto estão relacionados às reações dos pacientes diante um diagnóstico de uma doença grave. Somente em 2005, a psiquiatra publica o livro *On Grief and Grieving* (2005), onde apresenta as fases do luto diante reações de pessoas que perdiam alguém, como os pais. Além disso, a obra, que possui como coautor David Kessler, relata que há diferenças entre reações diante a perda de alguém e entre os que recebem um diagnóstico. (KÜBLER-ROSS E KESLLER, 2005).

Netto (2015) destaca que em seu trabalho, Kubler-Ross (2008) e Kessler (2005) relatam que a vivência do luto é subjetiva e individual, sendo diferente para cada sujeito. Assim, as mesmas concluem que a ordem entre as fases pode se alterar, o enlutado pode passar da fase da negação para a barganha, como vice-versa. Ou seja, a linearidade das fases não ocorre com todos os enlutados.

A primeira fase destacada por Kubler-Ross em suas obras, é a negação. A autora e Kessler, relatando em seu livro reações após receber a notícia da morte de um ente querido, em que na primeira fase o sujeito tende a negar o fato. Descrevem como: “Quando estamos na negação, primeiramente respondemos com um estado de paralisação ou de dormência. A negação não é a negação da morte, mesmo que a pessoa diga ‘não acredito que ele/ela está morto’ (KESSLER E KÜBLER-ROSS, 2005, p. 7).

Sobre a segunda fase, Kubler-Ross (p. 62, 1969) relata que “quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge lógica, uma pergunta: ‘por que eu?’”. A raiva vem apresentada por questionamentos, assim, o sujeito procura por culpados, explicações e respostas pela perda do ente querido.

De acordo com Kubler-Ross (1969)

A barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem que incluir um prêmio oferecido "por bom comportamento", estabelece também uma "meta" auto-imposta (por exemplo, um show a mais, o casamento de um filho) e inclui uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido. (p. 96)

Assim, a barganha pode ser caracterizada também como uma “troca” ou negociação pela dor e perda. O enlutado procura uma forma de minimizar sua dor ou de compreender a morte, através de explicações ou de culpados. Quando o sujeito se vê frente a uma perda significativa, se encontra vazio, sem a presença do ente querido. Barcellos e Moreira (2022) descrevem a barganha como uma promessa ou uma forma de aliviar a dor do enlutado, assim a culpa também estaria atrelada a essa fase.

Após a fase de barganha, a autora da teoria apresenta a fase da depressão. Na qual a autora retrata que “quando a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estado de aceitação, o encorajamento e a confiança não têm razão de ser” (KUBLER-ROSS; 1969; p. 100).

Trata-se de um estágio onde se apresenta uma tristeza intensa e um estado de desesperança.

Por fim, a última fase descrita pelos autores é a aceitação. Espera-se que quando o enlutado alcance esse estágio, compreenda a ausência da pessoa e tenha elaborado o processo do luto. Kessler e Kubler-Ross (p. 24, 2005) relatam que “este é o final do processo de cura e ajustamento que esperamos, apesar de muitas vezes parecer que é um estágio inatingível. Curar no sentido de relembrar, recordar e se reorganizar”. As lembranças e memórias ainda fazem parte da vida do enlutado, aceitar a morte de um ente não significa esquecê-lo, significa encarar sua nova vida e a nova realidade sem a presença de alguém.

Após a propagação dessa teoria, os estágios se tornaram populares e assim criou-se relatos em que os enlutados devem passar pelos cinco estágios a fim de desenvolver uma aceitação da morte. Por tanto, não se tem embasamentos científicos a fim de determinar esse modelo como regra, visto que esses estágios não se estabelecem necessariamente em uma sequência específica. Com essa disseminação, muitas pessoas utilizam a teoria como o conceito sobre o luto. Assim, autores discutem em obras e artigos o objetivo de linearizar e contextualizar o luto em estágios e etapas, visto que o luto se mostra como um processo. E ao contextualizá-lo poderia então ocorrer uma terminalidade, ou seja, após vivenciar as cinco fases, este processo acabaria.

O processo do luto ocorre de forma subjetiva e indeterminada, sendo expressada e sentida de formas distintas entre os indivíduos. Assim, é imprescindível determinar as formas de sofrimento e a linearidade em que um enlutado necessite passar ao decorrer dessa elaboração, considerando o luto como um processo de readaptação à vida e a realidade. Sendo de caráter subjetivo e singular, há diversas variações desse processo, em que cada sujeito expressa de formas individuais.

Dentre os aspectos sobre o luto, Andery (p. 25, 2021) ressalta “a importância das diferentes compreensões e dos olhares para o fenômeno, uma vez que todos viveremos perdas, e o olhar cultural, social e espiritual nos impactará na forma de vivenciar o processo de luto”. Essas reações do processo de luto podem ser determinadas por diversos aspectos, como cultural, histórico, social, entre outras. Ou seja, a morte pode ser interpretada de formas diferentes em cada cultura ou por cada sujeito.

Além de predeterminar uma sequência de etapas, o modelo desenvolvido e estudado por Kubler-Ross (1969; 2008) desenvolveu estereótipos voltados aos sentimentos dos enlutados. Assim, socialmente, o luto é visto como um sofrimento que tem de ocorrer por alguns meses até se alcançar a aceitação da perda e assim, estigmatizando quem não se adequar aos estágios, nesses casos, os enlutados sofrem para além da sua perda.

Com isso, a teoria se popularizou e se estende até a atualidade como teoria contemporânea importante para se estudar dentro do tema do luto. Assim, vários pesquisadores e autores utilizaram este modelo como crítica. Com isso, mostra-se a importância do estudo para a ampliação de pesquisas e da discussão acerca da temática em razão da teoria das fases do luto de Kubler-Ross (1996).

2.2 Teoria do Apego

John Bowlby, psiquiatra e psicanalista, aprofundou-se em estudos voltados ao luto, abordando relações acerca dos vínculos entre mãe e filho. Em sua trilogia *Apego, separação e perda*, o autor discute sobre consequências pela perda da figura materna e apego à mãe, relatando a importância dos vínculos afetivos. Devido a experiências na infância durante Guerras Mundiais, Bowlby se sensibilizou com estudos voltados à perda e separação de pais. Os estudos do teórico demonstram como a ligação materna e os vínculos afetivos entre mãe e bebê, permeiam a vida adulta e o desenvolvimento. Sobre a importância da trilogia publicada pelo autor, Meireles e Lima (2016) destacam sua importância:

[...] auxilia na compressão das primeiras relações são cruciais para a formação biopsicossocial do indivíduo e como elas influenciam a vida do ser humano, trata-se de uma teoria importante do desenvolvimento psicológico postulada há muitos anos, porém, torna-se tão contemporânea para explicar os fenômenos psicológicos da vinculação. (p. 104)

Para Bowlby (1969), o apego se constitui em um comportamento básico, inconsciente e biologicamente programado. O vínculo afetivo é relacionado a um senso de segurança no qual a criança estabelece com outra pessoa. Deste modo, autor destaca que o processo de perda de um indivíduo está diretamente ligado aos padrões estabelecidos na infância e a influência nas reações de perdas e sua elaboração. Assim, Bowlby (1998; apud ANDERY, 2021) discorre que o luto é

compreendido como reação ao rompimento do vínculo afetivo e entende esse processo a partir de fases: entorpecimento, busca e saúde, desorganização e desespero, reorganização.

Os estudos sobre vínculos maternos durante a infância apresentaram, para Bowlby, reflexos na vida adulta diante de uma separação. Bowlby (1985, 2009; apud PANDOLFI, 2012, p. 19) relata que acreditava “que tanto a formação quanto o rompimento de vínculos, somados às características parentais, familiares e a dinâmica familiar na infância, estão profundamente ligados ao desenvolvimento de padrões de relacionamentos na vida adulta”.

A teoria do apego começou a ser explorada pelos pesquisadores e assim começou-se a estudar o início estabelecimento desse vínculos mãe-filho. Utilizando observações como materiais para sua pesquisa, Bowlby percebeu como o apego é importante no início da vida humana. Com isso, analisar os vínculos de mães e crianças começou a ter uma representatividade por perceber os reflexos durante toda a vida do indivíduo.

Bowlby utilizou de pesquisas sobre apego como contribuições para a formulação de sua Teoria, por exemplo, pesquisas publicadas por Mary Ainsworth. A pesquisadora teve seus estudos voltados ao desenvolvimento sócio emocional durante os primeiros anos de vida, assim constituiu uma forte influência da autora na Teoria do Apego. Diante a pesquisa de Ainsworth, Franco (2010, pag. 25) relata que “a autora fez uma distinção muito importante entre força do apego e segurança do apego e deduziu que uma maneira de estudar o apego era observar os efeitos da separação”.

A pesquisa atribuída ao método da teoria se constituiu em um experimento que colocam em observação as relações a fim de analisa-las. Logo constatou-se que durante a ausência da mãe ou o não engajamento, resultam em reações diferentes das crianças. De acordo com Franco (2010), a pesquisadora:

[...] havia desenvolvido um método sistemático de observar e classificar os padrões de apego entre mães e bebês, ao qual denominou de teste da situação estranha. Nesta, mães e crianças em seu segundo ano de vida são observadas através de um espelho unidirecional antes, durante e depois de um curto período de separação da mãe, em uma sala desconhecida (pag. 25)

Ainsworth *et al.* (1978) identificam no apego seguro reações que a criança atribui um papel estável à mãe, como uma figura de apego e segurança aos filhos.

Portanto, apresentam uma tolerância à separação e sem muito sofrimento, quando a mãe retorna respondem rapidamente. No apego ambivalente, o período de separação se torna em um momento de grande sofrimento para ambos. O sentimento é visto ao retorno da mãe, onde apresentam reações de choro, angústia, além de comportamentos agressivos. Já no apego evitativo, percebeu-se que crianças que não toleram comportamentos de apegos e proximidade na figura desconhecida, portanto, ao se separar da figura de apego não demonstram preocupação e são indiferentes quanto ao retorno, agem com frieza e ignoram a mãe.

Bowlby, psicanalista, considera que a infância é o ponto de partida para o desenvolvimento da personalidade do adulto. Além disso, relata que essas reflexões do apego na infância são reproduzidas de forma inconsciente. Mudanças de expressões faciais, tom de voz, posturas corporais são exemplos de reações que a criança apresentou durante suas separações ocorridas em observações. Assim, constatou a presença de um vínculo primeiro de apego, onde se relaciona a uma figura de apego.

Na visão do estudioso, o apego que a criança desenvolve na infância tem forte influência na vida adulta e em suas relações, além de desenvolver aspectos sociais, emocionais e cognitivos. Portanto, a teoria do apego de Bowlby surgiu como forma de contextualizar o estabelecimento de vínculos e em como uma separação pode impactar no indivíduo, uma vez que se estabeleceram fortes ligações afetivas. Tal como, Pandolfi (2012, p. 15) pontua, essa teoria foi conceituada a fim de “explicar as múltiplas maneiras de manifestação e conflito emocional incluindo ansiedade, raiva, depressão e desligamento emocional que a separação e a perda dão origem”. Além disso, de acordo com Nascimento *et al* (2006, p. 435), relata que o estudo da Teoria foi de suma importância para a compreensão do processo do luto, uma vez que “os recursos das pessoas para o enfrentamento da perda estariam relacionados a seu padrão de apego”.

Com isso, esses apegos desenvolvidos na infância que são refletidos na idade adulta, impactam em diversos âmbitos, como na perda e separação de um ente ou até mesmo em suas relações. Assim, Pandolfi (2012) relata a necessidade de compreender o indivíduo em todos seus aspectos e dimensões, embora seja identificado a presença predominante no apego, como as descritas anteriormente.

Para Nascimento *et al.* (2006),

As formas de vinculação, incluindo os padrões de apego na vida adulta (amizades, trabalho, grupos de afiliação), ou como os laços são formados e mantidos em uma família podem ser correlacionados com comportamentos frente à perda na situação de luto. A forma como se rompe o vínculo e os sentimentos por rompê-lo, por certo, estão relacionados ao padrão de apego do enlutado, assim como, se assim podemos dizer, ao padrão da relação que essas pessoas tinham antes da morte. Acredito que a Teoria do Apego e o uso dos padrões de apego concederam um grande avanço ao estudo do rompimento de vínculos e a possibilidade de nomear e relacionar sentimentos e atitudes relacionados à perda. (p. 433)

Após estudos e observações embasados na Teoria do Apego, deu-se início a contribuições da obra relacionando ao luto e rompimentos de vínculos. Nascimento *et al* (2006) afirma que diante os estudos sobre perda e separação são apresentados quadros como a depressão, desapego emocional e ansiedade. Ou seja, a teoria proposta e estudada por Bowlby se estende e colabora até a atualidade, além de contribuir teoricamente aos estudos relacionados a temas como o luto, oferecendo compreensões de reações, comportamentos e sentimentos referentes à perda.

2.3 Modelo Dual do Luto

O luto é compreendido por muitos teóricos a partir de fases e estágios, como trazem Kubler-Ross (1969, 1998), Parkes (1998) e Bowlby (1998). Portanto é importante analisar a elaboração do luto como um processo, uma adaptação ao meio e um fenômeno que ocorre de forma constante. Com isso, Pitanga (2022) ressalta a necessidade das contribuições teóricas sobre a morte e o morrer, além dos estudos sobre os processos do luto, com isso cada estudioso compreende o assunto de tal forma e oferece visões diferentes sobre os estágios e o processo de elaboração.

O autor destaca que “a compreensão da singularidade do ser humano exige, sobretudo, a compreensão das suas maneiras diversas de lidar com o sofrimento, em especial o luto.” (p. 18) Assim, Pitanga (2022) compreende que as pessoas não vivenciam o luto da mesma forma, portanto não existe uma ordem fixa para atingir uma aceitação da perda.

O modelo dual do processo do luto, proposto em 1999 por Stroebe e Schut, compreende o luto como uma constante oscilação. Os autores percebem o enlutado com um papel ativo no processo de elaboração ao luto, voltados ao objetivo de reorganizar a vida após a perda. Diante isto, Stroebe e Schut (1999; apud PITANGA, 2022) relatam que este modelo “propõe uma oscilação entre comportamentos

voltados para a perda e outros voltados a continuidade da vida, ou seja, não um processo estático, de começo, meio e fim” (p. 18)

Tal proposta se divide em orientações para a perda e para a restauração, além da oscilação entre ambas, em que o indivíduo vivencia e encara a realidade da ausência, contudo se mantém ativo na sua vida atual, sem a presença do indivíduo. Os autores propõem que o enlutado transite entre o “viver o luto” e “viver a realidade”, assim ocorre a regulação emocional. Vivenciar a perda, sentir a ausência do ente, portanto também se permitir viver e sofrer, assim resulta o processo de elaboração da perda e do luto.

Oliveira *et al* (2022, p. 174) descrevem os conceitos do modelo dual por: “o enfrentamento orientado à perda (estar sob controle das contingências da perda) e o enfrentamento orientado à restauração da vida sem a pessoas que morreu, ampliando a variabilidade e construindo um novo repertório comportamental)”. Ou seja, Stroebe e Schut (1999) propõem a oscilação entre o vivenciar o luto e vivenciar a realidade.

A orientação para a perda corresponde ao “vivenciar o luto”, chorar pela ausência, sentir saudade, imaginar como seria a vida se o ente não estivesse falecido. Constitui-se em falar sobre a perda, ver fotografias e relembrar as memórias e momentos com quem foi perdido. Silva *et al* (2017, pag. 534) descreve que esta orientação “engloba o trabalho de luto e a busca da pessoa perdida, de modo que se refere à vivência da perda propriamente dita, ou seja, traduz uma expressão da dor dela decorrente”. Já na orientação para a restauração, o enlutado retorna ao cotidiano, assume a nova identidade sem a presença de quem morreu. Diante esta orientação, Silva *et al* (2017, pag. 534) descreve que “se refere à reorganização da vida, o atendimento às mudanças decorrentes da perda, o engajamento em novas atividades e o estabelecimento de novas relações”.

Considera-se a oscilação entre ambas as orientações de suma importância para a elaboração do luto e a adaptação à nova realidade. Com isso, Parkes e Kovács (1998, 2008, apud OLIVEIRA *et al*, 2022) compreendem que:

É importante que haja uma oscilação entre o pesar e a restauração. Quando o indivíduo permanece fortemente mais orientado à dor da perda ou à reorganização da vida, considera-se que o luto é prejudicado. Havendo intensificação dos processos de luto, tanto em tempo de duração quanto em comprometimento e prejuízo, aliado à estagnação no pesar ou restauração, entende-se que se trata de um luto complicado. (pag. 174)

Sendo assim, o modelo do processo dual é visto como um meio de estratégias para lidar com a perda e a morte de alguém, tratando-se de um enfrentamento do luto e entende-se que a oscilação entre os conceitos tem um papel fundamental na adaptação à perda, atribuindo uma função regulatória (ANDERY, 2021). A oscilação “é a essência da transição psicossocial, um período significativo de mudanças na concepção de mundo do enlutado” (PANDOLFI, 2012, pag. 35). Por fim, compreende-se o luto como um processo adaptativo e a elaboração desse fenômeno é algo contínuo, contudo, oscilante.

3 ADAPTAÇÃO À PERDA

A morte de um ente querido impacta na vida de qualquer sujeito. Visto que a dor do luto é algo subjetivo e individual, a adaptação dessa morte também é distinta em cada enlutado. Diante disso, o processo de readaptação à vida, embora tenha sido contextualizada em fases e etapas por muitos pesquisadores, não segue padrões e regras, sendo o tempo um aspecto importante a ser considerado nesse processo, uma vez que:

O tempo acaba por ser o maior aliado para ultrapassar a inoxidável perda, permitindo uma recuperação lenta e gradual. Porém, o sobrevivente tem também um papel activo no processo de luto, tendo que efectuar determinadas tarefas de forma a "deixar ir" o ente perdido e seguir em frente com a sua vida. (MELO, 2014, p.2)

O "deixar ir" se torna um processo doloroso que se constitui, além da dor de conviver sem o morto, as expectativas sociais diante o luto. A perda da identidade, perda da percepção de segurança e de controle são possíveis sentimentos resultados pela perda de um ente. Ao se romper, fisicamente, esse vínculo afetivo devido uma morte precoce, os enlutados deverão lidar com a frustração da perda de idealizações futuras, planos e expectativas com o falecido, resultando em impactos e sentimentos de desordem (NERY; FONSECA, 2022).

Diante a morte de um filho, a díade parental pode se desestabilizar em vários âmbitos, tanto social, pessoal e profissional. Desde a comunicação da morte ao processo de elaboração do luto, é importante compreender os impactos que cada etapa dessa adaptação à morte afeta diante a vida desses pais. Esse rompimento do vínculo após a morte de um filho representa uma dor devastadora, uma vez que os pais nunca estarão realmente preparados para essa morte. (FUKUMITSU, 2022)

Esses momentos da vida são tão avassaladores que nos fazem sucumbir. O impacto é terrível. Podemos passar muitos anos ou até mesmo a vida inteira tentando entender o que aconteceu sem encontrar uma explicação. A forma como reagimos é diversa. Cada um encontra o seu caminho dentro das possibilidades que se apresentam e na cadência de um tempo particular. Fui descobrindo, ao longo desse processo, que só sabemos a força que temos quando realmente precisamos dela. E em mim se revelou uma força que eu desconhecia, proporcional ao tanto necessário de que eu precisava para sobreviver. Precisei achar minha saída e dei meu jeito. (NOLETO, 2022, p. 66)

Segundo Melo (2014), acreditam que cada membro do sistema familiar reage de maneira diferente diante a morte, em que cada um apresenta a própria maneira e tempo para a elaboração, com isso, pode-se resultar em conflitos e rupturas no sistema familiar. Assim, é possível compreender os impactos diante a perda de um filho e as dificuldades dos pais em relação a adaptação à nova realidade.

Diante isso, este capítulo explora o sofrimento psíquico da díade parental diante a morte de um filho, incluindo as quebras de expectativas futuras sob a criança e idealizações dos pais. Apresenta também os impactos e reações frente à morte descritos por autores, em que descreve os sentimentos mais comuns após a perda de alguém com esse forte vínculo afetivo. Além disso, destaca-se relatos de mães que perderam seus filhos, sendo possível relacionar as obras teóricas do luto.

3.1 Impactos da perda de um filho

O luto é considerado um conjunto de reações diferentes e intensas que são vividas diante da morte de uma pessoa próxima. As reações mais comuns que se pode analisar são: tristeza, confusão e um forte desejo de estar com o falecido. Espera-se que, com o passar do tempo, a tendência dessas reações diminua de intensidade e frequência, por tanto ainda restam as lembranças e memórias da pessoa querida por toda a vida (MELO, 2014).

A partir do rompimento desse vínculo, é possível analisar diferentes reações e impactos nos indivíduos, como sentimento de culpa, desespero, anseio, revolta, raiva e/ou frustração (MELO, 2014). Como descrito no capítulo anterior, o processo do luto e a reação da perda de alguém significado é subjetivo e se difere para cada sujeito, por tanto não é possível determinar um padrão normativo para o luto.

Visto globalmente, o luto assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como “um choque”. Assim como no caso do machucado físico, o “ferimento” aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura é mais lenta ou um outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. Nesses casos, surgem as condições anormais, que podem ser ainda mais complicadas com o aparecimento de outros tipos de doenças. Muitas vezes, parece que o resultado será fatal. (PARKES, 1998, p.21).

Assim, compreende-se que a morte de um filho é um forte fator de risco para a saúde mental da díade parental, podendo deflagrar o surgimento de depressão,

de transtornos de ansiedade, de transtornos ligados ao uso de substâncias, ideações suicidas ou de episódios psicóticos. Algumas pessoas podem desenvolver sintomas típicos do transtorno do estresse pós-traumático, como pensamentos intrusivos e recorrentes sobre a pessoa que faleceu (PARKES, 1998). Assim, a experiência do luto se torna muito mais complicada e desgastante para o enlutado.

Diante a perda de um filho, de acordo com Bittencourt, Quintana; Velho (2011).

O corte em tal encadeamento é incompreensível, demanda explicações racionais e deixa o ser humano à deriva, esperando, confuso, o que estará reservado para si. Diante desse vazio de elucidações, o medo é inevitável e muitas vezes paralisante, tornando a indicação de apoio terapêutico bem-vinda para aqueles que se encontram nessa situação, em decorrência do falecimento de uma pessoa que lhe era cara. Pontua-se nesse caso que, além da perda, é possível que o sujeito se sinta completamente desamparado por aqueles que o cercam, mesmo que de fato isso não ocorra. (p. 437)

Levando em conta a “lei da natureza”, que diz que todo ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre, considerando socialmente, diante disto, a vida como uma forma linear. Portanto, quando esta ordem é rompida, podem ocorrer grandes impactos e frustrações, principalmente aos pais. A dor da perda de um filho se refere pela ruptura precoce da vida, ocorre a perda da presença, a perda de projetos futuros, a perda de expectativas e idealizações para a vida do filho. Com isso, Oliveira *et al.* (2022, p. 168) relatam que “um aspecto a ser destacado é a ruptura da lógica em que a morte das pessoas mais velhas antecede a dos mais novos, o que gera um sentimento de violação do desenvolvimento humano natural e a caracterização de uma dor muito intensa e duradoura”.

A morte de um filho pode desencadear sentimentos de injustiça pela quebra de regras “naturais” do ciclo de vida. Essa ruptura, além da descontinuidade da ordem da vida, pode impactar nas relações familiares do falecido. O luto, nesse contexto, interfere nos papéis familiares, em que cada indivíduo exerce nesse sistema familiar. Porém, é importante destacar que o vínculo parental é eterno, ou seja, não existe ex mãe e ex pai, não há denominação social para indivíduos que perderam seus filhos, os mesmos serão para sempre pais (FUKUMITSU, 2022, p.12).

O conhecimento social acerca do luto é muito estigmatizado. Acredita-se que o luto deve seguir etapas e regras, níveis de demonstração de sofrimento e tempo determinado para o enlutado seguir com sua vida. Diante estes estigmas, no luto parental construiu-se crenças acerca do merecimento ou responsabilidade dos pais diante o ocorrido, por isso “muitos pais enlutados por seus filhos relatam sentimento

de culpa, de exclusão social e a crença da perda como um castigo” (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 168).

Um dos fatores determinantes e essenciais para minimizar o impacto e reações diante a perda de um filho, é a forma da comunicação da má notícia. A forma em que a família e os pais são abordados e comunicados da morte, é um dos principais fatores desencadeadores de reações negativas. É necessário que os pais tenham acesso a informações sobre a morte, esclarecimentos e acolhimento nesse momento, a fim de compreender o motivo do falecimento. (COSTA E ALMEIDA, 2021)

Diante a morte de um ente querido, Melo (2004) adaptou a obra de Worden (1991) em que destrincha os sentimentos mais comuns no processo do luto:

- a) Tristeza: a autora relata que o sentimento é manifestado através do choro;
- b) Raiva: resultado de uma frustração por não ter prevenido a morte ou por ter mudado o destino do falecido;
- c) Culpa e autocensura: a culpa é representada pela insuficiência e a autocensura por achar injusto sorrir ou ser feliz sem a pessoa;
- d) Ansiedade: “Pode variar de uma ligeira sensação de insegurança até um forte ataque de pânico e quanto mais intensa e persistente for a ansiedade, mais sugere uma reação de sofrimento patológica” (Melo, 2004, p.6);
- e) Solidão: sentimento advindo pela perda de pessoas mais próximas e de maior convivência;
- f) Fadiga: a autora descreve como apatia ou indiferença;
- g) Desamparo e choque: se apresentam, normalmente, na fase inicial, assim que se recebe a notícia;
- h) Alívio: “É comum principalmente se a pessoa querida sofria de doença prolongada ou dolorosa; contudo, um sentimento de culpa acompanha normalmente esta sensação de alívio” (MELO, 2004, p.7)
- i) Torpor: apresentada como entorpecimento, uma ausência de sentimentos. “Pode ser uma reação saudável bloquear inicialmente as sensações como uma espécie de defesa contra o que de outra forma seria uma dor esmagadora e insuportável” (MELO, 2004, p.7)

A mesma autora discorre em sua publicação as seguintes sensações físicas mais comuns após a perda: vazio no estômago; aperto no peito; na garganta;

hipersensibilidade ao barulho; sensação de despersonalização; falta de fôlego, sensação de falta de ar; fraqueza muscular; falta de energia; boca seca. Em relação às cognições ou pensamentos habituais diante a morte, destacam-se: descrença; confusão; preocupação; sensação de presença e alucinações. Dentre os comportamentos manifestados, a autora menciona: distúrbio do sono; distúrbios do apetite; comportamentos de distração; isolamento social; sonhos com a pessoa falecida; evitar lembranças da pessoa falecida; procurar e chamar pelo ente perdido; suspirar; hiperatividade, agitação; chorar, visitar sítios ou transportar consigo objetos que lembrem a pessoa perdida; guardar objetos que pertenciam à pessoa falecida. (MELO, 2004)

Já os autores Stroebe, Stroebe e Hansson (1993), destacam cinco dimensões do luto: emocional; intelectual; social; física e espiritual. Compreendendo, de acordo com Andery (2021, p. 20), cada uma delas como:

- a) Emocional: “raiva, culpa, ansiedade, medo, confusão, irritabilidade”
- b) Intelectual: “desorganização; falta de concentração; negação”;
- c) Social: “perda de identidade; isolamento; afastamento; falta de interação; perda de habilidade para se relacionar socialmente”;
- d) Física: “alterações no apetite; alterações no sono; inquietação; palpitação cardíaca; exaustão; dor de cabeça; boca seca; mudança no funcionamento intestinal”;
- e) Espiritual: “perda ou aumento da fé; raiva de Deus; dor espiritual; sonhos; questionamentos de valores”. (ANDERY, 2021, p. 20)

Ao relacionar com o contexto de perda parental, pode-se notar esses sentimentos e descrições descritos acima em relatos de mães que perderam seus filhos, como na obra *“Revés de um parto”* organizada (FUKUMITSU, 2022). Nas palavras de Távora (2022), a experiência com o luto pela perda de sua filha se traduz da seguinte forma: “Esse entendimento não acontece logo após a despedida de uma filha, porque o luto é paralisante, o enfrentamento não é imediato, a primeira reação é de profunda tristeza, seguida de raiva e vontade de encontrá-la até o coração acalmar.” (p. 50)

Nesse livro, Prestes (2022) compreende que “o luto é como o mar: ora estamos na calmaria, ora na rebentação” (p.59). Assim, a relata o que vivenciou ao perder a filha de forma repentina após apresentar fortes dores nos olhos na escola.

Iniciava um caminho inverso ao que vivi quando descobri que seria mãe. A alegria agora tinha sido transformada em tristeza; a sensação era a de que eu estava em pedaços. Me desorganizei muito, a atenção ficou prejudicada, como se eu estivesse presa naquele dia fatídico. A dor latejava a cada minuto enquanto eu estava acordada. O desejo era dormir dia e noite, apagar aquela realidade. Não seria possível sobreviver sozinha com as condições que me restaram. Apesar de ser adulta e responsável pelas minhas atitudes, as ações outrora conhecidas - como pensar, tomar banho, comer, dormir- perderam a vitalidade e a motivação. Eu me sentia como um bebê que volta às condições primeiras da existência. É um momento no qual, diante do sofrimento, voltamo-nos totalmente para dentro de nós. Inúmeros foram os impactos que sofri; o pior foi descobrir que o mundo continuava. (PRESTES, 2022, p.59)

Em relação às fases do luto apresentadas por muitos pesquisadores, Franco (2021) relata que ao descreverem o processo do luto esperado socialmente, os enlutados acreditarão que há uma forma correta e uma ordem a se seguir, desconsiderando os aspectos subjetivos. Assim, entende-se que o processo do luto não é constante, possui oscilações, altos e baixos. Essa expectativa em relação ao processo “normal” do luto, constrói comportamentos no qual os enlutados devem cumprir, além de serem esperadas socialmente, resultando em mais sofrimento psíquico ao sujeito. (FRANCO, 2021, p.108)

Por fim, esses impactos e reações são compreendidos por comportamentos diante a perda de alguém, contudo a dor é individual e será atribuída pela proximidade com o morto (MORIN, 1976 *apud* BITTENCOURT, QUINTANA E VELHO, 2011). Assim, o rompimento da perda de um filho requer uma reconstrução e adaptação à nova realidade, lidando com a quebra de expectativas, idealizações e projetos futuros do filho falecido.

3.2 “E agora? O que eu faço?”: A quebra de expectativas e projetos futuros diante a perda de um filho criança

Ao ocorrer uma ruptura do ciclo de vida, o indivíduo se depara com frustração, quebra de projetos e expectativas criadas para/com o falecido. Essa perda requer manejos nos planos de vida e de reparação a fim de estabelecer novas mudanças e rotina sem a presença de quem morreu. No caso da perda de um filho ainda criança, os pais necessitam de apoios que fortalecem e incentivam na elaboração do luto. Após essa morte os pais podem se encontram desamparados e sem expectativa de vida diante da perda, como apresentado anteriormente nos relatos de Prestes (2022) e Távora (2022) e são confirmados a partir da compreensão de que:

A experiência de enfrentar a perda de um ente querido que tem um vínculo afetivo tão forte quanto um filho e/ou filha pode ser muito dolorosa. Prejudica e expõe a incompetência do próprio ser humano. Esta é uma interrupção não esperada. Em termos de tempo, esse caminho não é esperado, pois o caminho natural da vida será o caminho dos filhos enterrando seus pais idosos. No entanto, isso nem sempre é o caso. Esta é uma perda sem retorno. Há uma sensação de dormência, protesto, solidão e dor intensa. Os pais se perguntam o que fariam sem seu filho tão esperado e querido. Há sonhos, esperanças, expectativas, fantasias e desejos. E, após a morte, na maioria dos casos, os pais se perguntam como lidar com tudo isso, principalmente a solidão e o vazio (PANDOLFI, 2012; apud BARBOSA, SIMÕES, 2021, p. 14).

Segundo Goldman (1998, *apud* NERY E FONSECA, 2022), a morte de uma criança repercute de forma mais ampla na relação familiar, levando em conta que a perda irá para além da ausência da própria criança. As autoras relatam que com a perda de planos, sonhos e expectativas, surgem questões a respeito da finitude, questionamentos em relação aos papéis sociais dentro da rede familiar, além de conflitos conjugais, dificuldade na relação com outros filhos.

A partir disto, é de suma importância que os pais enlutados recebam acolhimento pelos profissionais que comunicaram a morte e pela sua rede de suporte social mais próxima. Conversar e expor os próprios sentimentos permite o entendimento do ocorrido, por isso a elaboração dessa perda se faz necessário. Compreender a morte auxilia na restauração e reconstrução da vida sem o falecido, uma vez que essa perda impacta muitos âmbitos sociais e pessoais dos pais. O luto parental acarreta sofrimentos intensos, podendo repercutir também na vida do casal (BITTENCOURT; QUINTANA E VELHO, 2011).

Contudo, na prática nada era simples ou fácil. Observar o quarto do filhote cheio de presença, impecavelmente arrumado (como nunca antes) com seus livros, filmes e jogos preferidos enfileiradas nas prateleiras, encontrar a mochila, os tênis e a jaqueta jeans impactos no mesmo lugar onde eu deixara e me acostumar com a realidade de não ouvir “mãe!” mil vezes por dia não parecia real. O silêncio na casa era ensurdecedor, mas ainda incomodava a menos do que muitas palavras o que eu ouvia. *vai passar; você precisa ser forte; ele está em um lugar melhor; você pode ter outros filhos; se chorar, você vai atrapalhar o caminho do seu filho.* Isso tudo é terrível. Quem está de luto precisa ser respeitado em seu processo de dor sem a preocupação de fazer planos para o futuro. É legítimo sentir tristeza e encarar a falta de respostas. Não se trata de aconselhar ou julgar o enlutado, mas de estar presente e oferecer genuinamente seu ombro, seu ouvido e seu abraço forte a essa desafortunada mãe. (TINOCO, 2022, p. 41)

A ideia de um filho representa ao casal idealizações e expectativas para com aquele ser. Na obra de Reis *et al.* (2021), considera os filhos como uma continuidade dos pais, assim, a morte é representada pela perda da sua identidade. Diante disto, é possível compreender que com a morte de um filho, os pais perdem

então uma parte de si, gerando sofrimentos psíquicos. Ainda, Reis *et al.* (2021), relata em sua publicação que a relação pais-filho é constituída por expectativas, “uma vez que os pais projetam muito de si nos filhos e que eles representam extensões dos próprios pais” (p. 11). Com isso, ao morrer um filho, se perdem também os projetos criados.

No livro “*Revés de um parto*”, Prestes (2022) descreve o impacto dessa ruptura em sua vida:

Mariana existia desde minha adolescência: era meu projeto de vida ser mãe de uma menina que se chamaria Mariana. E, se a gravidez é a vida do outro dentro da gente, o luto é a morte do outro em nós. Sinto que morri um pouco quando ela se foi. Embora na gravidez não saibamos como as coisas se darão após o nascimento, vários sentimentos permeiam a gestação: esperança, sonhos e projetos para aquele novo ser que está sendo gerado, que sentimos crescer dentro da gente. Mas a morte representa o fim de todo um investimento, pois deixam de sentir abruptamente os projetos para a(o) filha(o) desejada(o). Nosso rebento simplesmente não está mais ali. O quarto, antes preparado com tanto carinho, aos poucos é desconstruído – ou melhor, transformado. (p.58)

O luto é uma transformação, ou seja, esse processo implica em se reinventar diante essa perda, construir uma nova realidade sem um ente querido. Por isso, o processo do luto pode ser doloroso, uma vez que essa elaboração não se caracteriza como uma linearidade, não possui uma ordem e etapas para concluir. Vivenciar os próprios sentimentos, compreender a dor vivenciada e a ausência do filho, torna a elaboração do luto possível, portanto é importante destacar que o tempo do luto é subjetivo e particular. Respeitar o próprio ritmo e limites “possibilita recriar a realidade por meio do entendimento de que o filho falecido estará sempre, de alguma maneira, conectado aos seus pais” (ANDRADE, GOMES E BARBIERI, 2017; p. 29).

A resignificação do luto é um processo que exige aos pais enlutados encontrar e elaborar recursos de forma subjetiva a fim de reconstruir suas vidas, além de continuar a viver diante essa perda (MENEZES *et al.*, 2007, apud REIS *et al.*, 2021). Um filho falecido jamais será esquecido, uma vez que fez parte da vida dos pais e construiu memórias. Com isso, a reconstrução de significados diante dessa perda se diz respeito à reformulação de identidade da díade parental. (ANDERY, 2021).

4 FORMAS DE ENFRENTAMENTO DIANTE DA PERDA DE UM FILHO

Ao decorrer deste trabalho, foram destacados no 1º capítulo, os processos do luto e autores (KUBLER-ROSS, 1969; BOWLBY, 1969; STROEBE E SCHUT, 1999), que se dedicaram a estudos sobre as fases desse processo, com o objetivo de descrever os impactos e reações desencadeadas pela morte de um ente. Assim, a elaboração do luto se defere para cada sujeito, visto que a forma de enfrentamento e os recursos adquiridos são subjetivos e individuais (REIS *et al.*, 2021).

Aceitar a realidade da morte, experimentar a dor por completo, procurar se ajustar à nova vida, integrar aspectos do ente querido falecido em sua própria identidade e encontrar significado na perda para iniciar novas relações são tarefas que podem ajudar o enlutado a reconciliar-se com a vida após a perda (COHEN, MANNARINO E KNUDSEN, 2004, APUD ANDRADE, GOMES E BARBIERI, 2017, P. 22)

As formas de enfrentamento são essenciais para a reconstrução da nova realidade do enlutado. Os pais que perderam seus filhos convivem com a dor da ausência, com a culpabilização e os demais sentimentos resultantes da perda, assim é essencial que os enlutados tenham o apoio e o acolhimento dos próximos. De acordo com Reis *et al.* (2021), a rede de apoio e os vínculos afetivos têm um papel essencial na vivência da morte de um ente, assim previne também complicações da elaboração da morte. Com isso, diante pais enlutados, é importante estimular a procura de recursos como fonte de apoio e segurança a fim de auxiliar na restauração.

Compreende-se, então, o processo do luto como uma elaboração e compreensão diante a morte de alguém. Aceitar a perda, não significa esquecer o morto, e sim compreender a morte e ressignificá-la. Nesse sentido, o sofrimento do luto é considerado socialmente como a prova do amor dos pais, ou seja, sem o isolamento e a tristeza após a morte de um filho, não haveria amor ao morto (REIS *et al.*, 2021). O luto ainda é visto como um tabu perante a sociedade, estigmatizando a morte e a relacionando a tristeza profunda. Com isso, compreender a morte e aceitá-la é um dos maiores desafios para os pais enlutados.

A perda de um filho é uma experiência singular e implica em um luto particular, posto que são inúmeras as adaptações que os pais precisam enfrentar, tanto em nível individual, como na relação conjugal e social. Ao perder um filho, o luto aparece como reação imediata, esse acontecimento solicita aos pais uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui, pois ocorrem diferentes mudanças na vida destes, referentes a concepção de mundo e papéis. (COELHO E LIMA, 2017, p. 18)

Neste capítulo destaca-se como se dá a elaboração do luto, a fim do enlutado compreender e elaborar essa perda. Autores (REIS *et al.*, 2021; ANDRADE, GOMES E BARBIERI, 2017; COELHO E LIMA, 2017; GONÇALVES, 2014; PANDOLFI, 2012; BARBOSA E SIMÕES, 2021; MELO, 2004) relatam em suas publicações sobre fatores que facilitam e contribuem para o processo do luto, além de como se dá essa elaboração e aceitação dessa morte. Assim, tais autores destacam como esses fatores possuem grande impacto na compreensão das formas de enfrentamento que os enlutados desenvolvem durante esse processo.

4.1 Fatores que facilitam ou dificultam o luto

O impacto de uma perda perpétua em diversos âmbitos da vida de alguém, com isso, pode-se identificar alguns fatores que auxiliam na trajetória de aceitação de uma morte, destacando a subjetividade dessa elaboração. Contudo, na literatura encontram-se fatores comuns que podem favorecer ou dificultar o processo do luto. Alguns autores relatam em publicações, feitas a partir de pesquisas de campo e análises, fatores facilitadores e dificultadores durante o processo do luto. Temos, por exemplo:

Reis *et al.* (2014) relatam que os fatores que impactam na elaboração do luto são singulares, portanto, dependem dos seguintes aspectos: a forma que a perda é sentida; o quanto se está preparado para isso; como se deu a morte; recursos psíquicos de quem sofre; histórico pessoal; relação de apoio disponível e vínculo com o morto. Dessa forma, os autores acrescentam que tais fatores se interligam e se relacionam à subjetividade da perda, desempenhando um papel fundamental na prevenção de complicações diante o luto, como o isolamento social.

É importante ressaltar o impacto do luto quanto ao fator causa da morte. O modo de como se deu a perda é um fator de grande relevância à elaboração e compreensão dessa morte. Por exemplo, a aceitação de uma morte por suicídio, decorrentes pela violência ou por acidentes em que ocorre uma perda abrupta aos pais, causam maiores impactos e apresentam sentimentos como culpa e raiva, dificultando a aceitação dessa perda. (REIS *et al.* 2014)

Para Melo (2004), a situação da perda, a rede familiar e social e o contexto socioeconômico, sociopolítico e histórico são variáveis de maiores impactos na adaptação da perda em contexto familiar. Já a autora Gonçalves (2014), realizou uma

pesquisa de campo, na qual coletou dados a partir de entrevistas com pais enlutados. Nesta pesquisa, os resultados dos fatores que mais se destacaram foram: receber o cuidado de outros; ter outros filhos; cônjuge e o filho que morreu.

A autora Pandolfi (2012, p. 37) relata que “a forma como o luto é vivenciado e adaptado depende de vários determinantes anteriores, simultâneos e posteriores à perda”. A autora citou as seguintes variáveis determinantes, envolvendo: aquele que perdeu; vínculo afetivo estabelecido na relação; causa da morte e o suporte. Já nos estudos e coleta de dados em entrevistas com mães enlutadas, os autores Andrade, Gomes e Barbieri (2017) destacam os seguintes fatores como apoiantes ao luto: apoio familiar; programas auxiliares com profissionais e comunicação (expressar sentimentos).

Para essas mães, a ajuda e o apoio de suas famílias, amigos e de profissionais de saúde, são essenciais para que elas, ao se sentirem encontradas pelo outro, possam adquirir confiança de serem capazes de oferecer para seus filhos o cuidado de que necessitam, enfrentando as dificuldades e transformando a mais dolorosa das perdas. É importante ressaltar que, sendo o luto uma experiência subjetiva, as famílias enlutadas precisam ser acolhidas e cuidadas com respeito e atenção às suas particularidades. (ANDRADE, GOMES E BARBIERI, 2017, p. 30)

Além dos autores acima, Coelho e Lima (2017) realizaram uma revisão bibliográfica, em que destacaram os seguintes fatores que afetam a elaboração do luto: o vínculo estabelecido; a idade do morto; a causa da morte e o papel do filho no sistema familiar. Diante os estudos bibliográficos dos autores Barbosa e Simões (2021), coletaram os seguintes fatores facilitadores do processo de luto: realizar atividade que o filho fazia; apoio social; religião; ajuda profissional e participação de grupos de psicoterapia.

Assim, compreende-se que, apesar da subjetividade e individualidade dos fatores apoiantes e dificultosos no processo do luto, os autores e pesquisas da literatura apresentam impactos semelhantes. Diante destas pesquisas bibliográficas, pode-se perceber a influência da causa da morte enquanto um dificultador no processo de elaboração do luto, embora leve em conta a subjetividade, relações e vínculos diversos. Em contraponto, as pesquisas ressaltam a importância da rede de apoio como fatores facilitadores ao processo de elaboração da perda, destacando o apoio do cônjuge, dos familiares e a busca por grupos de apoio.

4.2 Importância da rede de apoio

Ao perder um filho, os pais são apresentados a uma nova realidade, um novo contexto e uma nova rotina, em que se deparam com a ausência de um filho que, geralmente, se estabeleceu um vínculo profundo, uma relação de cuidado, expectativas e de sonhos futuros. Com isso, a rede de apoio aos pais enlutados é de suma importância no processo de elaboração desse luto. Em relato sobre sua perda, Prestes (2022), ressalta que:

Se não temos apoio, alguém que nos acolha e entenda nosso sofrimento, fica inviável sobreviver e se readaptar a um mundo onde a tristeza e a dor não tem espaço. digo sempre: eu era uma e agora sou outra pessoa totalmente diferente depois da partida da minha filha. (p.62)

Diante dos resultados das publicações descritas no tópico anterior, pode-se notar a importância do apoio em situações de perdas. Para Parkes *et al.* (2011; *apud.* ANDRADE, GOMES E BARBIERE, 2017), o apoio e acolhimento são essenciais, assim os pais enlutados podem comunicar seus sentimentos e serem compreendidos pela sua rede de apoio. Os autores citam que o acolhimento da família, dos amigos e dos profissionais aos enlutados é primordial, visto que assim os pais enlutados encontram o apoio e confiança para enfrentarem as dificuldades advindas a morte de um filho.

O rompimento de um vínculo, como a relação pais-filhos, resulta em impactos e perdas, assim como a desconstrução de papéis sociais que foram estabelecidos diante da relação parental. De acordo com Coelho e Lima (2017), a morte de um filho pode implicar na perda de identidade dos pais, uma vez que esse papel parental é determinado a partir do nascimento de um filho e, conseqüentemente, perdido após a morte.

Sobre esses papéis, construímos a nossa identidade, que pode ser afetada após a perda de um filho. É nesse sentido que abordamos o tema construção da identidade, pois na concepção de um filho, construímos a identidade de sermos pais, e ao perder o filho essa identidade passa por mudanças, o filho real não existe mais, a sociedade não os reconhece como pais, sentimentos ambivalentes vem à tona, tanto pela experiência do processo de elaboração da perda quanto pelos múltiplos fatores associados. (COELHO E LIMA, 2017, p. 28)

Ao ocorrer essa perda de identidade, a elaboração do luto se volta a necessidade de se reencontrar e restabelecer seu papel social no sistema familiar. Com isso, diante a análise de pesquisas bibliográficas é possível compreender e

destacar alguns fatores apoiantes a elaboração do luto. Os estudos de pesquisas dos autores Reis *et al.* (2021), Gonçalves (2014), Pandolfi (2012), Melo (2004), Barbosa e Simões (2021) e Andrade, Gomes e Barbieri (2017) ressaltaram, em comum, a rede de apoio familiar e social como um fator auxiliador diante pais enlutados.

4.2.1 Rede de apoio familiar e social

A rede de apoio familiar e social tem um papel fundamental como recurso no processo de elaboração da morte de um filho. Esse apoio auxilia no fortalecimento de vínculos e atribuição de novos sentidos (LUNA, 2020). Embora a forma em que a morte impacta o sujeito seja de modo individual e subjetiva, o processo do luto se torna um fenômeno social, uma vez que depende também de relações sociais para se reestabelecer.

Assim, um processo que funciona a nível subjetivo e que exige um trabalho psíquico considerável é também um processo relacional, em que o outro exerce uma função de extrema importância, tanto para a construção de um sentido referente à morte quanto para o fornecimento de apoio e amparo. (REIS *et al.*, 2021 p. 4)

Os pais enlutados, segundo Luna (2020), apresentam sentimentos de sofrimento e de transformações quanto à identidade. A vulnerabilidade quanto à finitude e falta de expectativas futuras são presentes em relatos de pais que perderam seus filhos. Com isso, a expressão desses sentimentos, conversas sobre o filho e discursos sobre a experiência se tornam recursos facilitadores da aceitação da perda, conseqüentemente, benéficos à saúde emocional e psicológica do enlutado.

A comunicação familiar é vital durante o percurso de adaptação à perda. Para, além disso, um ambiente de confiança, respostas empáticas e tolerância a diversas reações são essenciais. A tolerância é necessária não só para diferentes respostas dentro da mesma família, como também permite que a família enlutada se sinta acompanhada no enfrentamento de sua dor admitindo ter experiências únicas no significado da relação perdida e da promoção de uma rede mais coesa para o apoio mútuo. (PANDOLFI, 2012, p. 41)

Em pesquisa de campo, Luna (2020) e Costa e Almeida (2021) destacam a valorização do apoio social de familiares e amigos aos participantes enlutados. O auxílio e acolhimento família da destacaram entre os entrevistados, relatando que o grau de aproximação e vínculos com os membros de apoio são essenciais para a sensação de acolhimento e validação dos seus sentimentos. Com base nos dados coletados, Domingues e Dessen (2013, p. 145), concluem que “o processo de

enfrentamento de cada membro da família e de reorganização de todo o grupo familiar foi favorecido pela rede social de apoio, constituída tanto por pessoas da própria família como por vizinhos e amigos”.

Em publicação, Costa e Almeida (2021) determinam o apoio social em três dimensões: apoio emocional, instrumental e informacional. O apoio emocional é definido por comportamentos da rede de suporte voltados à relação de empatia. O apoio instrumental é caracterizado, pelos autores, por ajuda e auxílios de tarefas e práticas. Ambos os apoios podem ser prestados pelos familiares mais próximos, amigos e/ou acolhimento dos profissionais de saúde presentes. Já o apoio informativo, normalmente prestado pelos profissionais clínicos em casos de hospitalização, se refere ao compartilhamento de informações e orientações aos pais e responsáveis, auxiliando em busca de apoio, acolhimento inicial ou de informações para a compreensão da causa da morte, disponibilizando atenção quanto as dúvidas surgidas.

Em relato do livro “*Revés de um parto*”, Rosa (2022) descreve o impacto do apoio familiar nos pais nos primeiros dias sem o filho: “A presença da minha mãe me gerou um grande acolhimento. O amor que ela sentia por mim era como um cordão luminoso que me devolveria a vida, pois não havia nada mais que me mantivesse aqui” (p. 29). Diante disto, Andrade, Gomes e Barbieri (2017) ressaltam a importância do apoio e o cuidado da família as mães enlutadas, diante o sofrimento intenso resultante da morte de um filho.

Esses auxílios estimulam no restabelecimento à nova realidade e na influência desses apoios à elaboração e compreensão dessa perda. Com isso, as três dimensões do apoio aos pais enlutados, descritos por Costa e Almeida (2021), são imprescindíveis ao acolhimento e validação dos sentimentos decorrentes à morte de um filho. O acolhimento emocional, instrumental e informativo se mostram essenciais à elaboração do luto, suavizando os sentimentos de vivenciar a nova realidade com a ausência do filho (COSTA E ALMEIDA, 2021).

4.2.2 Apoio da(o) cônjuge

Diante Coelho e Lima (2017), a morte de um filho causa grandes impactos na vida dos pais. Ao enfrentar essa perda, os pais encaram mudanças e adaptações advindas dessa ausência, como a perda de identidade, a mudança dos papéis no

sistema familiar, caso tenham outros filhos, como se dará a relação entre os membros da família. Os autores compreendem que a elaboração do luto se dá a partir da reorganização psíquica dos pais enlutados, além do restabelecimento de suas relações interpessoais.

A perda de um filho é uma experiência singular e implica em um luto particular, posto que são inúmeras as adaptações que os pais precisam enfrentar, tanto em nível individual, como na relação conjugal e social. Ao perder um filho, o luto aparece como reação imediata, esse acontecimento solicita aos pais uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui, pois ocorrem diferentes mudanças na vida destes, referentes a concepção de mundo e papeis. (COELHO E LIMA, 2017, p. 18)

A relação entre o casal pode impactar após uma perda, resultando em intensos conflitos e adaptações. Coelho e Lima (2017) atribuem a perda de um filho ao rompimento dos sonhos e expectativas do casal, refletindo na relação conjugal afetivamente e sexualmente. O impacto nas relações familiares pode influenciar na elaboração e complicações do luto, dificultando a aceitação da morte do filho.

Domingues e Dessen (2013), relatam que a morte de alguém do sistema familiar resulta em uma transformação ampla e geral, em que influencia na dinâmica e funcionamento das relações familiares, além da alteração no modo da comunicação entre os membros. Na pesquisa com entrevistados, os autores analisaram distanciamentos entre os casais, em contraponto relatam uma aproximação na relação pais e outros filhos.

Tais implicações na relação conjugal são resultados do reajustamento e adaptações após a morte do filho do casal. As mudanças na identidade e readaptação de papéis social dentro do ambiente familiar impactam nos vínculos entre os membros e até mesmo em relações fora do contexto familiar. (DOMINGUES E DESSEN, 2013). Assim, os vínculos significativos voltados a relação conjugal e na recomposição familiar faz-se necessário para a reelaboração da morte e readaptação do vínculo afetivo.

Em algumas das participantes o impacto provocado devido à morte do filho e/ou da filha gerou efeito emocional, criando uma crise, onde todo o sistema familiar se desorganizou e se desestruturou. A maioria das mães relatou que a relação com o marido continuou sendo de boa qualidade e consideraram que a morte do filho e/ou filha aproximou mais o casal, tornando-os mais amigos e companheiros, porém algumas delas avaliaram que a relação com o marido piorou. Em nosso estudo, as dificuldades conjugais puderam ser observadas como fator de risco. (PANDOLFI, 2012, p.120)

De acordo com a pesquisa de Pandolfi (2012), é possível correlacionar a relação conjugal à elaboração da morte de filho, em que uma relação impacta a outra. Conclui-se, assim, que o acolhimento e o vínculo por parte do cônjuge podem impactar facilitando ou dificultando no processo do luto, ou seja, a elaboração da perda depende para além de fatores internos emocionais.

4.2.3 Grupos de apoio

Os grupos de apoio possuem objetivos de dividir experiências e sentimentos entre membros que passaram por situações e acontecimentos semelhantes, oferecendo apoio e suporte entre os participantes e mediadora (LIBERATO E FRANCO, 2021). Diante as análises bibliográficas, a literatura apresenta a expressão de sentimentos e compartilhar a experiência como fator apoiante à elaboração do luto parental.

A construção de uma rede de ajuda que oferece como facilidades a passagem da vivência do sofrer solitário para o sofrer compartilhado e a expressão da dor de maneira especialmente cuidada, para que a pessoa seja acolhida e suportada possibilitam oportunidades de resignificação das alterações ocorridas na vida dessa pessoa, muitas vezes, de maneira brusca e imprevista, que provocaram perdas irreparáveis, que não foram reconhecidas socialmente, tanto no momento quanto posteriormente á perda específica, causando um sofrimento singular. A partir dessa experiência “de estar em rede, faltando sobre a sua perda”, ou “pertencer a um grupo, expressando a sua dor”, passam a ter espaço cuidado e acolhedor para ter voz e representação e, portanto, legitimidade no processo, inclusive ritualístico, para a elaboração desse sofrimento (LIBERATO E FRANCO, 2021, p. 108)

O apoio social e a existência de programas de auxílio aos pais enlutados, diante Parkes *et al.* (2011, apud ANDRADE, GOMES E BARBIERI, 2017), apresentam como facilitadores na promoção de saúde, oferecem auxílio profissional com o objetivo de prestar acolhimento e amparo ao sofrimento dos enlutados. Pandolfi (2012) ressalta que a participação em grupos possibilita trocas de experiências semelhantes e assim auxilia na socialização, reduzindo o isolamento.

Além de possibilitar relações interpessoais e melhorar a saúde mental dos pais enlutados, grupos de apoio contribuem na expressão de sentimentos e na comunicação sobre seus anseios e sofrimento, assim os enlutados são encorajados e validados por membros que passaram por situações semelhantes ao evento

traumático. Logo, a inserção em grupos de apoio e o compartilhamento da experiência contribuem à aceitação da morte (PANDOLFI, 2012)

Dar voz ao luto para essas mães possibilitou significar a morte, abrindo um espaço para dialogar com a dor, com o sofrimento, integrar a perda, dar um novo sentido à vida. Possibilitou também conquistar a confiança de ser capaz de se adaptar com as demais perdas. O modo de as mães enfrentarem o desafio da mudança em suas vidas determinou não apenas sua visão de mundo, como também a visão acerca de si mesma. Encontrar um significado, uma imagem ou um lugar em suas vidas para os filhos e/ou filhas que faleceram foi um movimento importante no processo de luto, uma vez que permitiu que essas mães entendessem o que a morte não destruiu daquele que partiu. (PANDOLFI, 2012, p. 125)

De acordo com a literatura, o trabalho para a aceitação do luto se apresenta de forma mais suportável na presença do apoio social, além de facilitar essa elaboração, auxilia na reestabelecimento de relações e vínculos sociais. De acordo com a publicação de Pandolfi (2012), a rede de apoio é um auxílio necessário às mães enlutadas. Assim, estar em um grupo em que pode se expressar, conversar sobre seus sentimentos e compartilhar experiências podem causar mudanças em relação à essa morte, assim, auxiliando na elaboração da morte e fortalecendo as relações sociais

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender as nuances do luto e seus processos, é possível perceber na literatura, os impactos e reações que a morte de um filho pode resultar. Em contraponto as obras clássicas citadas inicialmente, é necessário destacar a subjetividade e individualidade do sentir de cada sujeito. Tais teorias são de suma importância na compreensão, dos estudos e de pesquisas sobre o luto, porém não se configuram como regra diante a elaboração do luto. Com isso, compreende-se que diante a dor de uma morte, não se cabe teoria. Assim como a vida, a morte é subjetiva e individual.

Assim, a teoria do luto, em que propõe 5 fases para a elaboração da morte, se tornou popular e determinada socialmente como regra. O luto, com isso, se estigmatizou socialmente em etapas, em que o enlutado deve passar pelos 5 estágios e, só assim, o luto se conclui. Entretanto, pesquisas mais contemporâneas contrapõem a linearidade do luto, destacando a individualidade de cada ser e, com isso, ampliando os estudos e compreensões sobre esse processo.

Surge, então, teoria em que se propõe uma oscilação entre a perda e a restauração. Compreendendo que o processo do luto, diante a perda de um ente querido, não se enquadra a um padrão, havendo uma oscilação entre vivenciar a perda e vivenciar sua nova realidade. Assim, entende-se que, ao aceitar e compreender a morte de um filho, o enlutado adapta a sua nova realidade entre o estado de sentir a ausência do morto, mantendo sua lembrança e memórias vivas e a necessidade de continuar a viver, reconstruindo a vida sem a presença de quem já se foi.

Conclui-se que a perda de um filho criança se estabelece pelo rompimento de um vínculo afetivo e emocional, em que os pais projetam sonhos e expectativas futuras para a vida daquele ser. A dor de perder um filho para a morte, é compreendida a partir da relação de vínculo entre pais-filhos. Assim, quanto maior a qualidade do vínculo estabelecido, maior o impacto da perda na vida do enlutado.

A morte de um filho e o impactos das perdas advindas, resultam em prejuízos emocionais e sociais dos pais enlutados. Diante as análises dos artigos e publicações, conclui-se que as reações e os sentimentos mais comuns descritos são: a tristeza, a culpa, raiva e desamparo. Além da perda física do filho, a díade parental encara uma nova realidade e diversas perdas resultante à morte do filho. A perda da

identidade e mudanças do sistema familiar afetam o emocional dos pais, e com isso, faz-se necessário o fortalecimento dos vínculos e acolhimento ao casal.

Diante a pesquisa bibliográfica, compreende-se que as publicações apresentam como fatores apoiantes à elaboração do luto: o apoio familiar e social; o apoio do cônjuge e grupos de apoio. Assim, reforça a compreensão que a rede de suporte possui um papel fundamental como recurso facilitador para a elaboração dessa perda, além de auxiliar na prevenção de um luto complicado.

Expressar seus sentimentos e compartilhar sua experiência tem demonstrado grande impacto na elaboração do luto parental. Assim, os grupos de apoio possuem grande relevância no processo da perda. Além disso, o apoio do cônjuge, de acordo com as pesquisas analisadas, também se apresenta como um facilitador nesse processo de readaptação a nova realidade, uma vez que a dor da perda é compartilhada. A morte de um filho causa grandes impactos na vida afetiva do casal, por isso, se mostrar presente e prestar acolhimento ao companheiro, promove o fortalecimento dos vínculos afetivos familiar, a reconstrução para a nova realidade, estabelecimento da nova identidade pessoal, social e perante o sistema familiar.

Esse modo, pesquisas relacionadas ao luto parental se apresentam de grande relevância, visto que há poucas pesquisas de campo voltadas ao luto parental, focando apenas no impacto materno. Explorar o fenômeno do luto é compreender os aspectos que ocorrem com todos os indivíduos, uma vez que a morte se faz presente na vida de todos os sujeitos. Assim, o tema sobre o luto é de conhecimento primordial ao profissional de saúde. Faz-se necessário aprofundar em futuras publicações e análises de casos a fim de explorar as nuances do luto parental e seus impactos, além de discutir sobre impactos da perda de um filho em diferentes causas de morte, fato que se destacou como um fator de risco durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDERY, Maria Carolina Rissoni. **Linha do tempo de estudos sobre o luto**. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. ANDERY, Maria Caroline Rissoni. LUNA, Ivânia Jann. **Reflexões sobre o luto: praticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas**. p.1-30, 1º ED. Curitiba: Appris, 2021.
- ANDRADE, Marcela; MISHIMA-GOMES, Fernanda; BARBIERI, Valéria. Recriando a vida: o luto das mães e a experiência materna. **Psicologia - Teoria e Prática**, v. 19, n. 1, p. 21–32, 2017.
- ARAUJO DA SILVA, V.; FREDERICO SILVA, R. DE C.; MARTINS TROVO, M.; PAES DA SILVA, M. J. **Teoria da Adaptação de Roy e Modelo do Processo Dual de Luto fundamentando o cuidado paliativo de enfermagem à família**. *O Mundo da Saúde*, v. 40, n. A, p. 521-536, 1 dez. 2017. Disponível em: {emnuvens.com.br/mundodasaude/article/}. Acesso 20 de agosto de 2022.
- BARBOSA, Márcio; SIMÕES, Tulio. **Enfrentando o luto e a vivência parental após o suicídio de um filho: um estudo bibliográfico**. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/25412/1/Enfrentando%20o%20Luto%20e%20a%20Vivencia%20Parental%20Apos%20o%20Suicidio%20de%20um%20Filho.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2022.
- BARCELLOS, Larissa Burmann; MOREIRA, Márcio Borges. **As cinco fases do luto de Elisabeth Kubler-Ross: fato ou ficção?**. 1. Ed. Brasília, DF: Editora do Instituto Walden4. 2022. Disponível em {file:///D:/TCC%20Tema/burmann_moreira_2022_pdf.pdf}. Acesso em 20 de maio de 2022.
- BEZERRA, Maria et al. O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022.
- BITTENCOURT, Ana Luiza; QUINTANA, Alberto; VELHO, Maria Teresa. A perda do filho: luto e doação de órgãos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, n. 4, p. 435–442, 2011.
- BOWLBY, J. **Apego e perda. A natureza do vínculo** (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969). 1990.
- BOWLBY, J. **Apego, perda e separação**. São Paulo, Martins Fontes, 1985. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a04v26n1.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2022.
- COELHO, João Ferreira Filho; LIMA, Deyseane. Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. **Psicologia argumento**, v. 35, n. 88, p. 16–32, 2017.
- COSTA, Ana Rita.; ALMEIDA, Filipe. **Perder um filho em idade pediátrica: estudo qualitativo do apoio ao luto parental**. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, [S. l.], v. 37, n. 6, p. 516–533, 2021. DOI: 10.32385/rpmgf.v37i6.12868.

Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/12868>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CRISTINE, Gabrielle. O luto dos pais cujos filhos morreram crianças. **Universidade federal de santa maria centro de ciências sociais e humanas programa de pós-graduação em psicologia mestrado em psicologia**. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12327/DIS_PPGPSICOLOGIA_2017_REIS_CRISTINE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 nov. 2022.

DOMINGUES, Daniela; DESSEN, Maria. **Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil**. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 2, p. 141–148, 2013.

FONSECA, Flavia N.; SANTOS, Lucas B.; FREIRE, Anna Laura. **Luto: Teoria e Intervenção em Análise do Comportamento**. Editora CRV. n 1. 2022

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. 1º edição, São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **LUTO COMO EXPERIÊNCIA VITAL**. Disponível em: <https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

FUKUMITSU, Karina O. **Revés de um parto: Luto Materno**. Sao Paulo: Summus. 2022

GONÇALVES, Jacinta Tânia Teixeira. **LUTO PARENTAL EM SITUAÇÕES DE MORTE INESPERADA: REAÇÕES À PERDA, ESTRATÉGIAS DE COPING E PERCEÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA**. 2014. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18271/1/ulfpie047275_tm_tese.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

KÜBLER- ROSS, Elisabeth. **On death and dying**. New York: Scrib- ner; 1969.

KUBLER- ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7º Ed - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUNA, Ivânia. Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.

MEIRELES, Iara Oliveira. LIMA, Francisca Flavia Loureiro Costa. O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. **Revista Ciências Humanas- Educação e Desenvolvimento Humano – UNITAU**. Taubaté/SP. V.9,n.1, edição 16, p. 92-105. Junho 2016. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/issue/view/17/8>. Acesso em: 01 de set 2022.

MELO, Ana Rita de Paulo Proença. **O processo de luto: o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte**. 2004. Disponível em: <https://www.integra.pt/extos/luto.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2022.

NASCIMENTO, Cecilia Cassiano et al. **Apego e perda ambígua**: apontamentos para uma discussão. Revista Mal-Estar. Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 426-449, set. 200. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 set. 2022.

PANDOLFI, Aghata. **O que a morte não destruiu daquele que partiu**: a construção de significados no processo de luto materno. São Paulo, 2012. Disponível em: {<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15233/1/Aghata%20Pandolfi.pdf>}. Acesso 20 de agosto de 2022.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12° Ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. Summus Editorial. 1998.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 1998.

PITANGA, Artur Vandré. Quando a morte bate á porta: Terapia Comportamental e luto. In: PITANGA, Artur Vandré. **Luto**: Teoria e Intervenção em Análise do Comportamento. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 13-27.

PRESTES, Elaine. **Tsunami existencial**. In: FUKUMITSU, Karina O. **Revés de um parto**: Luto Materno. São Paulo: Summus. 2022.

REBELO, José. Importância da entreaajuda no apoio a pais em luto. **Análise psicológica**, v. 23, n. 4, p. 373–380, 2005.

REIS, Cristine et al. O Luto de Pais: Considerações Sobre a Perda de um Filho Criança. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe3, 2021.

REIS, Cristine, QUINTANA, Alberto, NARDINO, Fernanda. **Religiosidade e Espiritualidade no Processo de Luto de Pais cujos Filhos Morreram Crianças**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* [en linea]. 2021, 21(1), 136-15/ISSN. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451870070008>. Acesso em 04 de nov de 2022.

STROEBE, Margaret e SCHUT, Henk. **The dual process model of bereavement**: rationale and description. *Death studies*, v. 23, p. 197-224, 1999. Disponível em {<https://doi.org/10.1080/074811899201046>}. Acesso em: 01 de setembro de 2022.